

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 2 | Nº 6 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3833185>



O MARXISMO COMO PONTO DE PARTIDA PARA UMA CONSCIÊNCIA POLÍTICA E ECOLÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior¹

Jaiane Araújo Oliveira²

Resumo

O presente texto recorre ao marxismo de modo a suscitar a reflexão sociológica para o despertar de uma consciência política e ecológica em tempos de pandemia e dialoga com o campo da política enquanto uma categoria imprescindível para pensarmos numa escala macro de sociedade a qual estamos inseridos. Levando-se em conta a dialética e a totalidade marxista, recorreremos a perspectiva teórico-metodológica do marxismo enquanto um campo científico de natureza histórico-ontológica que parte de uma concepção materialista da história como ponto de análise da realidade. Inquestionavelmente, esse campo epistemológico do saber contribui para com a formação filosófica política além de nos dar respostas sobre nossas implicações no cerceamento da discussão político-pedagógica na sociedade capitalista.

Palavras chave: consciência; marxismo; pandemia.

Abstract

This text recovers Marxism in order to give rise to a sociological reflection on the despair of political and ecological awareness in times of pandemic and dialogues with the field of politics, as an essential category to think about a macro scale of the society in which we are inserted. Given how the dialectic and the Marxist maxim, it returns a theoretical-methodological perspective of Marxism as a scientific field of historical-ontological nature that is part of a materialist exhibition of history as a point of analysis of reality. Unquestionably, this epistemological field of knowledge contributes to the philosophical political formation in addition to the answers about our implications in curbing the political-pedagogical discussion in capitalist society.

Keywords: consciousness; marxism; pandemic.

Partimos da premissa de que o marxismo está para além de uma teoria unificada de modo que nos possibilita a construção do saber, despertando a formação e a consciência política e ecológica mediante as contradições existentes na sociedade capitalista. Secularmente, a educação esteve condicionada a uma formação político-pedagógica elitista, excludente e com direcionamento pedagógico a uma epistemologia tradicional liberal. Esse tipo de pedagogia tem como propósito manter a ordem social, impossibilitar a reflexão sociológica e o despertar da consciência política e ecológica. Em tempos atuais, é visto as várias intervenções pretensiosas de um governo neoliberal com o intuito de implementar a pedagogia colonial como corrente metodológica nas instituições de ensino.

¹ Estudante do curso de licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE), Campus Crateús. E-mail para contato: arnobiojr07@gmail.com

² Doutora em Educação Brasileira, graduada em Economia Doméstica e em Pedagogia, mestre em Políticas Públicas e Sociedade. Professora efetiva do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE), Campus Crateús. E-mail para contato: jaiangelina@yahoo.com.br



Ressalta-se que a educação do homem burguês se limita a um plano pedagógico de amordaçamento dos sujeitos com subsídio na pedagogia colonialista. No atual contexto de conjuntura política, é visto que a educação está sendo pensada a partir de uma lógica empreendedora, colocando-a como insumo econômico e daí objetivando o cerceamento da discussão plural, crítica dissociando-se de uma abordagem epistemológica configurada numa análise totalitária da realidade. Inquestionavelmente, a educação tem uma essência pedagógica e política que contribui para pensarmos para além dos nossos espaços de vida. Contudo, a educação está cercada de pressupostos ideológicos que, em muitas circunstâncias, limita a construção do saber crítico.

Devemos pensar numa pedagogia educacional que fomente espaços de reflexão, análises concretas da realidade e que possibilite a construção de uma consciência coletiva, sobretudo no viés da consciência política e ecológica. Nesse sentido, a educação em seus aspectos gerais e as instituições sociais não podem excluir os ensinamentos do marxismo para com a formação política e pedagógica tanto nas instituições de ensino bem como em outros espaços educativos. Diante de um quadro de pandemia da Covid-19 e crise do capital, a pedagogia marxista é imprescindível para uma formação crítica, ensejando a reflexão sociológica e despertando a consciência coletiva.

Essa afirmativa é valiosa, pois o marxismo enquanto teoria-método e sua pedagogia política e cultural está assentada numa análise concreta da realidade que parte da totalidade como instrumento objetivo para entender a realidade social. Assim, o marxismo reorienta a percepção política sobre a realidade e sobre seus condicionantes históricos. Essa linha de pensamento é ampla, tendo em vista que traz discussões do âmbito político, jurídico, educacional, social, ambiental e cultural além de criar novos diálogos de formação. A título de exemplificação, pode-se dizer que “o marxismo é uma série de interpretações e acréscimos variados da obra de Marx” (PAULO NETTO, 1985, p. 75). É sabido que a teoria de Marx traz análises sobre a gênese da sociedade capitalista, seu comportamento e de que modo se estrutura o modo de produção capitalista além de propor a superação desse sistema político, econômico e social.

Nessa perspectiva, o marxismo é ponto de partida para uma explicação dos fatos que provocam a crise do capital, explicitada pela pandemia da Covid-19 e pela fragilidade do neoliberalismo e também ponto de partida para uma formação política e, por conseguinte, buscando-se uma consciência política e ecológica. Nessa proposição, o marxismo supera “a ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos que cai por terra” (SANTOS, 2020, p. 06). A pandemia da Covid-19 nos traz muitas implicações político-reflexivas na medida que se intensifica globalmente e na medida que nos afeta. Os impactos da pandemia afeta em larga escala as minorias sociais e trazem inúmeras consequências para a periferia do sistema capitalista.



Como se sabe, o marxismo é uma concepção científica de mundo que surge da periferia do sistema capitalista, da miséria e da pobreza. É nesse sentido que a teoria marxista é válida para buscarmos a reflexão, a consciência política e como ponto de partida para reinventarmos a esfera política e pensar em um novo estilo de vida na medida que tem como horizonte o socialismo. O Brasil é um dos países de estrutura escravagista, colonial e patriarcal tomado pelo obscurantismo de um governo neoliberal que diante da pandemia explicita a fragilidade das políticas capitalistas. A análise totalitária e material do marxismo enfatiza as problemáticas do capitalismo que assola a periferia e desvenda a posição social da classe trabalhadora nesse sistema de dominação colonial.

Para além disso, a ontologia marxista não só dialoga com a periferia como também expressa uma análise concreta das estruturas políticas, sociais e econômicas do sistema capitalista. No entanto, essa linha de pensamento tem sido ocultada nos últimos anos, pois demonstra as configurações do capitalismo. Nesse sentido, é preciso dar vivacidade a essa filosofia da práxis que desvenda o caráter do capitalismo. Com a pandemia, torna-se mais visível e viva essa prática social, tendo em vista os problemas expressos pelo capitalismo e neoliberalismo já anunciados a muito tempo pela obra marxiana e pela dialética e práxis marxista. Sem dúvidas, o capitalismo tende a colocar a periferia nas margens, isentando-a de políticas públicas. Esta proposição está expressa diante do quadro de pandemia e demonstra que o capitalismo não legitima ações de reorganização do modo de vida, de produção e de consumo, afinal, é a classe trabalhadora a produtora de riqueza e difunde-se a ideia que a economia não pode parar.

De fato, para o capital, a periferia do sistema não pode parar de produzir. Nesse limiar, o número de mortes pela Covid-19 tem crescido substancialmente. Conforme dados coletados pela pública, mostra-se que entre negros há uma morte a cada três hospitalizados. A pesquisa detalha que em uma semana, número de negros mortos por Coronavírus é cinco vezes maior no Brasil. O número subiu de 184 mortes no dia onze de abril para 933 no dia vinte e seis de abril (MUNIZ *et al.*, 2020). A maioria da população negra se encontra em um território desassistido pelas políticas públicas. É evidente o alto número de Covid-19 nas periferias das capitais.

Os números expressam a ausência de políticas afirmativas e a rigorosidade científica das análises marxistas ao passo que se compreende que o Estado burguês “[...] é uma “força especial de repressão” da classe oprimida” (LENIN, 2010, p. 39). Por isso, os direitos das identidades que vivem na periferia do sistema capitalista são constantemente negados e minimizados. A necropolítica da pandemia tem evidenciado o descaso do governo brasileiro para com a população periférica. Diante dessa situação, a retórica bolsonarista legitima as opressões contra essa camada social, principalmente o discurso



racista. Para exemplificar, durante o encontro com jornalistas e simpatizantes na saída do Palácio da Alvorada no dia 26 de março de 2020 Bolsonaro diz que:

O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar isso daí (Jair Messias Bolsonaro – Presidente da República *apud* G1, 2020).

De maneira crítica, a teoria-método do marxismo se aplica a realidade vivenciada, pois analisa a sociedade burguesa a partir da totalidade. O marxismo é anticolonial, anti-racista, debate opressões, feminismo etc., além de apontar as saídas para superar esse sistema de exploração e esse modelo predatório assentado na espoliação e expropriação. A teoria marxista nos mostra a necessidade de organizarmos as lutas emancipatórias no limiar do desenvolvimento do sistema capitalista e pensarmos em uma pedagogia da libertação. O Coronavírus nos obrigará a nos reinventar como humanidade e remodelar de forma sustentável e incluyente a única Casa Comum que temos (BOFF, 2020). Nesse sentido, precisamos defender e valorizar as práticas socialistas, a exemplo de Cuba, China, Coreia Popular e Vietnã que apresentaram medidas viáveis para conter a expansão do Coronavírus.

No Brasil, a classe dominante que representa um perfil de sociedade privatista que desvaloriza o trabalho (SOUZA, 2019) continua a defender a abertura do comércio e a expansão das atividades produtivas. Conforme a Plataforma Integrada de Vigilância em Saúde, até o dia 11 de maio de 2020, o Brasil registrava 11.519 mortes pela Covid-19.³ Nessa perspectiva, “a pandemia vem penas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade. Em muitos países, os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje” (SANTOS, 2020, p. 06). Desse modo, é necessário superar a sociedade burguesa. O comportamento sociopolítico e a natureza histórico-ontológica do marxismo ensejam a construção do saber crítico mediado pela reflexão sociológica.

Partindo de uma leitura crítica com base nas perspectivas ontológicas do marxismo, ressalto que a pandemia do Coronavírus pode nos proporcionar um ponto positivo. Nos mostrou a tamanha fragilidade do neoliberalismo. Está nos mostrando esse processo material, desigual, explorador, ceifador das identidades rotuladas politicamente como periféricas e alijadas pelas políticas enraizadas no sistema para o capital” (SOUSA JÚNIOR, 2020).

A pandemia da Covid-19 tem dado espaço para a concretude das análises marxistas. Sabe-se que a consciência só será adquirida a partir do ser social. Logo, a adoção do saber científico do marxismo é uma rota alternativa para a construção da consciência política e ecológica, pois nos

³ A Plataforma IVIS apresenta os dados epidemiológicos produzidos pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS-MS). Disponível em: <http://plataforma.saude.gov.br/>.



direciona ao entendimento da luta de classes no interior da sociedade capitalista, desvendando os interesses da burguesia e o modo de produção predatório. Indiscutivelmente, a Covid-19 gera impactos numa escala espaço-tempo de modo a impactar distintivamente em um grau de sensibilidade e vulnerabilidade socioeconômica (SENHORAS, 2020). Partindo de uma análise marxista, é visto que as políticas públicas na atual conjuntura de pandemia não chegam efetivamente no interior da periferia. As políticas públicas de combate ao racismo entre outras opressões vivem momentos de retrocesso. O sentido da luta marxista é para superar as estruturas políticas e sociais das políticas minimalistas do capitalismo.

A pandemia não tem compaixão com as minorias sociais, tampouco o governo apresenta políticas e estratégias efetivas de combate a Covid-19. Nesse sentido, as políticas não tem se mostrado solidárias com a população periférica. Diante dessa situação de exclusão e de morte da população periférica, tem-se que pensar em projetos e pedagogias de luta contra o genocídio da população negra expresso nas políticas e retórica bolsonarista e contra toda e qualquer forma de repressão e dominação aos povos em posição de marginalidade. Sob esse ângulo, o marxismo apresenta-se como um dos principais instrumentos de luta dos povos explorados pela política imperialista e de conscientização política e ecológica, haja vista que o capitalismo se apropria do meio ambiente para expandir a produção.

Diante da geopolítica da pandemia evidenciou-se informações inconsequentes sobre as experiências socialistas diante das medidas de controle da expansão da Covid-19 e tem-se percebido análises distorcidas sobre a origem do vírus. As afirmações de que o vírus é de origem chinesa representa uma disputa geopolítica entre o imperialismo Norte Americano e a China. Nesse limiar, o Brasil enquanto um país de capitalismo tardio e submisso aos imperativos do governo Norte Americano se insere na disputa geopolítica. A atitude do governo Bolsonaro ao empregar a expressão “vírus chinês” para se referir a Covid-19 é reveladora de seu posicionamento político estando submisso a política americana. As bases teóricas da análise marxista nos possibilitam perceber as estratégias do colonialismo e imperialismo Norte Americano contra as políticas econômicas e sociais da China. Logo, nesses tempos de doença social, o marxismo nos leva a superar o discurso da propaganda anti-China, pois é criterioso em suas análises.

Para além dessa visão sociopolítica, não podemos perder de vista a centralidade da questão ecológica, tendo em vista as fortes ligações do homem com a natureza, alterando o ecossistema, o que possivelmente poderá explicar a origem do vírus. Nessa perspectiva, cabe fazermos uma reflexão sobre a pauta ambiental, pois o sistema predatório de produção e de consumo adotado pelo capitalismo exclui as comunidades indígenas de seus territórios além de legitimar um processo de destruição do meio



ambiente. A alteração do ecossistema e das relações ali estabelecidas tende a provocar mudanças drásticas no meio ambiente, levando a extinção de espécies e também espalhando patógenos numa drástica relação espaço-tempo.

É preciso uma reflexão sobre a degradação do meio ambiente, a implementação das políticas do agronegócio nos territórios indígenas e é fundamental pensarmos sobre a superação desses problemas que mesmo diante da pandemia estão em curso pelas táticas e estratégias neoliberais. Já tem-se proposições de que possivelmente a floresta Amazônica poderá se tornar o epicentro da pandemia (SOARES, 2020). Por isso, é urgente uma análise que suponha uma interação com a realidade. Felizmente, a rigorosidade científica do marxismo nos leva a pensar em saídas reais destes problemas políticos e ecológicos que nos assola constantemente. A ecologia marxista nos orienta a reorganizar o modo de produção ao qual tende a dialogar com o desenvolvimento sustentável e com a sustentabilidade e destituir a expansão capitalista que se dar partir da espoliação e expropriação.

“Em todo o mundo civilizado, os ensinamentos de Marx atraem para si uma enorme hostilidade e ódio da parte de toda a ciência burguesa (seja estatista ou liberal), a qual vê no marxismo algo como uma “seita perigosa”. (LENIN, 2020, p. 117). Como já colocado no texto, o marxismo nasce da periferia do sistema capitalista como uma concepção científica de mundo para orientar as nossas lutas, nos dar respostas sobre nossas implicações no interior do sistema capitalista enquanto classe trabalhadora e como instrumento que anuncia o início do processo político para chegarmos a emancipação humana. O marxismo parte do campo da objetividade com o objetivo de construir a autonomia do sujeito. Desse modo, essa linha de pensamento nos proporciona uma reflexão sociológica e, por conseguinte, uma consciência política e ecológica a partir de uma leitura crítica, uma análise totalitária da realidade. Assim, a dialética marxista deve estar inserida no campo educacional como parte constituinte de um projeto pedagógico revolucionário. Em síntese, o marxismo representa uma das saídas radicais para a construção de um pensamento crítico e para o despertar de uma consciência política e ecológica em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. “Pós-Covid-19: que visão de mundo e que valores desenvolver?” **Portal Eletrônico Leonardo Boff** [08/05/2020]. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2020/05/08pos-covid-19-que-visão-de-mundo-desenvolver/>>. Acesso em: 10/05/2020.

G1. “Bolsonaro mudou o tom sobre isolamento social; compare frases do presidente sobre coronavírus”. **G1** [01/04/2020]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/01/bolsonaro-mudou->



o-tom-sobre-isolamento-social-compare-frases-do-presidente-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18/05/2020.

LENIN, V. I. “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo”. In: POPULAR, Expressão (org.). **Lenin 150**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LENIN, V. I. **O Estado e a revolução**: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUNIZ, B.; FONSECA, B.; PINA, R. “Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil” **Pública** [06/05/2020]. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>>. Acesso em: 18/05/2020.

PAULO NETTO, J. **O que é marxismo**. 9ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SENHORAS, E. M. “Novo Coronavírus e seus impactos econômicos no mundo”. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020.

SOARES, J. “Interior da Amazônia pode se tornar novo epicentro da pandemia, adverte médico” **DW** [04/04/2020]. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/04/04/interior-da-amazonia-pode-se-tornar-novo-epicentro-da-pandemia-adverte-medico.htm>>. Acesso em: 18/05/2020.

SOUZA, J. **A Elite do Atraso**. Rio de Janeiro: Edição Brasil, 2019.

SOUSA JÚNIOR, A. R. “A fragilidade e o oportunismo do neoliberalismo: a Educação Pública resiste”. **Portal Eletrônico Esquerda Online** [22/04/2020]. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2020/04/22/a-fragilidade-e-o-oportunismo-do-neoliberalismo-a-educacao-publica-resiste>>. Acesso em: 11/05/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 2 | Nº 6 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima